



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Júlia de Carvalho Gutlerner

**A instrumentalização do Antissemitismo e das Teorias
Conspiratórias no Discurso Político: a Narrativa Anti-Soros
na Hungria de Viktor Orbán**

Trabalho de conclusão de curso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Victória Santos

Rio de Janeiro
Dezembro de 2024

Dedico este trabalho à memória de Mauro, meu pai.

Agradecimentos

Agradeço aos meus professores e professoras, em especial à Professora Victória Santos, minha orientadora, pelos conhecimentos compartilhados e pela confiança depositada em mim. Agradeço também aos meus queridos colegas, por tornarem este processo mais leve. Agradeço profundamente à minha mãe, que jamais me deixou desistir, pelo apoio e compreensão durante os momentos de desafio. Agradeço, por fim, ao meu pai, pelo seu exemplo de vida e por ser minha inspiração e motivação para seguir em frente.

Resumo

Gutlerner, Júlia de Carvalho. **A instrumentalização do Antissemitismo e das Teorias Conspiratórias no Discurso Político: a Narrativa Anti-Soros na Hungria de Viktor Orbán**. Rio de Janeiro, ano. Trabalho de conclusão de curso – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente artigo analisa a instrumentalização de narrativas conspiratórias antissemitas, utilizando como estudo de caso o discurso anti-Soros promovido pelo governo populista de Viktor Orbán, na Hungria. Desde os libelos de sangue e os Protocolos dos Sábios de Sião até as manifestações contemporâneas, o antissemitismo adaptou-se para atender a diferentes contextos históricos, políticos e sociais. A pesquisa, estruturada em três seções principais, investiga: 1) os fundamentos históricos e conceituais das teorias conspiratórias e do antissemitismo, 2) a relação do populismo de extrema-direita com essas narrativas, e 3) a análise do discurso anti-Soros na Hungria por meio de falas de Orbán e o questionário nacional sobre o "Plano Soros". O estudo demonstra como o governo Orbán utiliza estereótipos antissemitas, através de "dog whistles", para mobilizar apoio popular e justificar políticas autoritárias e em oposição à União Europeia. Conclui-se que o caso húngaro se insere em um padrão histórico, no qual as narrativas conspiratórias antissemitas servem como uma importante ferramenta de manipulação política.

Palavras-chave

Antissemitismo; Teorias Conspiratórias; Hungria.

Abstract

Gutlerner, Júlia de Carvalho. **The Instrumentalization of Antisemitism and Conspiracy Theories in Political Discourse: The Anti-Soros Narrative in Viktor Orbán's Hungary.** Rio de Janeiro, ano. Trabalho de conclusão de curso – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This study analyzes the instrumentalization of antisemitic conspiracy narratives, using the anti-Soros discourse promoted by Viktor Orbán's populist government in Hungary as a case study. From blood libels and the Protocols of the Elders of Zion to contemporary manifestations, antisemitism has adapted to meet different historical, political, and social contexts. The research, structured into three main sections, investigates: 1) the historical and conceptual foundations of conspiracy theories and antisemitism, 2) the relationship between far-right populism and these narratives, and 3) the analysis of the anti-Soros discourse in Hungary through Orbán's speeches and the national questionnaire on the "Soros Plan." The study demonstrates how Orbán's government uses antisemitic stereotypes, employing "dog whistles," to mobilize popular support and justify authoritarian policies in opposition to the European Union. It concludes that the Hungarian case fits into a historical pattern in which antisemitic conspiracy narratives serve as a significant tool for political manipulation.

Keywords

Antisemitism; Conspiracy Theories; Hungary.

Sumário

1. Introdução	8
2. Teorias Conspiratórias e Antissemitismo	10
3. Populismo e Extrema-Direita: relações com o Antissemitismo e Teorias Conspiratórias	18
4. Estudo de Caso: o discurso anti-Soros na Hungria de Viktor Orbán	22
4.1. A questão da imigração	28
4.2. A Hungria em oposição a União Europeia e a decadência do Ocidente	29
4.3. O antissemitismo implícito	30
5. Conclusão	33
6. Referências bibliográficas	35

Lista de figuras

Tabela 1 – Trechos de falas do governo Orbán relacionadas a George Soros 23

"Se eu não for por mim, quem será por mim? Se eu for apenas por mim, o que sou? E se não agora, quando?"

Hillel

1. Introdução

Desde a Idade Média, com a popularização dos libelos de sangue, passando pelas teorias conspiratórias do século XIX e XX, como as da família Rothschild e os Protocolos dos Sábios de Sião, até as mais modernas acusações de uma conspiração judaica global, o antissemitismo foi constantemente adaptado para se adequar aos diferentes contextos políticos e sociais ao longo da história. Essas narrativas, além de reforçarem preconceitos, foram amplamente utilizadas para justificar perseguições e manipular opiniões públicas, canalizando tensões sociais para bodes expiatórios, especialmente em períodos de crise e maior vulnerabilidade das populações.

Na contemporaneidade, essas narrativas antissemitas continuam a se renovar, assumindo novas formas, objetivos e alvos. Um exemplo recente é o “anti-Sorosismo”, fenômeno no qual George Soros, empresário bilionário e filantropo judeu, se tornou o centro de teorias conspiratórias e narrativas demonizadoras por parte do governo húngaro de Viktor Orbán. Soros é frequentemente descrito por Orbán como o símbolo de uma suposta conspiração globalista que ameaça a soberania nacional, os valores tradicionais e a identidade cultural europeia. Essa estratégia tem sido utilizada para desviar a atenção de questões sociais e econômicas complexas enfrentadas pelo país, simplificando problemas e culpabilizando um inimigo comum por eles.

O governo “iliberal” de Viktor Orbán tem instrumentalizado a figura de Soros de forma consistente, justificando suas políticas nacionalistas e restritivas, enquanto o culpa por questões complexas do país como a imigração em massa. Segundo Ruth Wodak (2015), Orbán utiliza Soros como um “Feindbild” (imagem inimiga), especialmente em campanhas contra as regras e regulamentos da União Europeia, a fim de legitimar suas políticas.

Essa narrativa não é um fenômeno isolado, mas parte de um padrão histórico envolvendo a população judaica. Desde os libelos de sangue até a alegação de conspirações globais, como no caso dos Protocolos dos Sábios de Sião, o antissemitismo foi moldado e adaptado em diferentes narrativas para atender às necessidades políticas e sociais de cada época.

Conforme argumenta Jelena Subotic (2016), as narrativas são estrategicamente ativadas ou desativadas com o objetivo de realizar mudanças políticas e, ao mesmo tempo, manter uma continuidade identitária que assegure estabilidade e familiaridade. Dessa forma, o caso do discurso anti-Soros na Hungria exemplifica como as narrativas conspiratórias antissemitas são adaptadas e reutilizadas nos tempos atuais. Retratado como um manipulador financeiro e cultural, Soros é apresentado como a personificação do judeu conspirador globalista que busca

enfraquecer as nações. Essa retórica “reativa” estereótipos antissemitas históricos, porém ajustados ao contexto contemporâneo, onde figuras públicas específicas são usadas para mobilizar ressentimentos antissemitas em discursos populistas sem o admitirem explicitamente.

Este artigo está estruturado em três seções principais, que buscam analisar como elementos de teorias conspiratórias antissemitas são evocados em determinadas narrativas para atender agendas políticas e sociais, com foco no caso do discurso anti-Soros promovido pelo governo populista de Viktor Orbán. Na primeira seção, serão exploradas as bases conceituais e históricas das teorias conspiratórias e suas relações com o antissemitismo. Aqui, será feita uma revisão das principais teorias conspiratórias envolvendo judeus ao longo da história, desde os libelos de sangue até os Protocolos dos Sábios de Sião, demonstrando como essas narrativas foram moldadas e adaptadas para cada época. Em seguida, na segunda seção, será abordado a relação entre o populismo e a extrema-direita com as narrativas conspiratórias e antissemitas, com foco na Europa. A seção abordará as retóricas utilizadas para promover determinadas agendas. Também será analisado como as narrativas de líderes populistas utilizam uma estratégia conhecida por “dog whistle”, que consiste em transmitir mensagens codificadas ou implícitas que são compreendidas por um público-alvo específico, enquanto permanecem ambíguas ou inofensivas para outros. Por fim, na terceira seção, será apresentado o estudo de caso do discurso anti-Soros na Hungria de Viktor Orbán. Nesta seção, a análise de discurso será feita sobre três fontes principais: os discursos de Orbán no CPAC Texas (2022) e no Parlamento Europeu (2017), assim como o questionário nacional sobre o “Plano Soros” (2017). A partir disso, será analisado como o governo Orbán combina elementos nacionalistas, xenofóbicos e antissemitas em sua narrativa conspiratória sobre Soros, articulando a ideia de uma identidade húngara homogênea e legitimando políticas autoritárias com apoio popular.

Dessa forma, o presente artigo busca explorar a instrumentalização do antissemitismo na forma de teorias conspiratórias, com foco no caso húngaro e no “anti-Sorosismo” promovido pelo governo de Viktor Orbán, e demonstrar como antigas narrativas são reutilizadas e adaptadas para servirem como ferramentas políticas no que diz respeito a agendas autoritárias.

2. Teorias Conspiratórias e Antissemitismo

Para compreendermos a instrumentalização das teorias conspiratórias antissemitas em determinados discursos políticos, é necessário entendermos antes o que configuram essas teorias, quais as suas relações com o antissemitismo e quais os contextos históricos e político-sociais em que elas ganhem força.

Primeiramente, precisamos diferenciar as "teorias da conspiração" das conspirações de fato. Segundo Douglas et al. (2019), enquanto uma teoria da conspiração refere-se a uma alegação de conspiração que pode ou não ser verdadeira, uma conspiração refere-se a uma cadeia de eventos real. As teorias da conspiração são caracterizadas como tentativas de explicar as causas últimas de eventos e circunstâncias sociais e políticas significativas com alegações de complôs secretos por dois ou mais atores poderosos. Sendo assim, ainda que forneçam explicações baseadas em fatos não necessariamente comprovados, as teorias conspiratórias oferecem explicações aparentemente coesas para eventos e situações complexas e de grande relevância ou impacto para um determinado país ou população. Dessa forma, essas teorias criam bodes expiatórios e costumam ganhar força em períodos de crise e incertezas, quando ao atribuírem os problemas a um "inimigo", fornecem "alívio" para aqueles afetados. A culpabilização de um determinado grupo tido como mal-intencionado ou muito poderoso é uma maneira de simplificar e facilitar a explicação de situações complexas do mundo. Segundo Wall (2003), essas teorias são extremamente sedutoras uma vez que "enquadram as complexidades do capitalismo em termos pessoais" e "geram um inimigo pessoal com um rosto humano que pode ser desafiado". Para Karl Popper (2006), o apelo das teorias conspiratórias reside no que ele chama de "falácia da intencionalidade": elas ignoram o papel das consequências não intencionais das ações sociais e políticas, assumindo que todos os eventos significativos foram planejados por alguém. Ou seja, recusam a possibilidade de que essas consequências adversas e significativas possam ser resultado de uma "mão invisível" ou do simples acaso dentro do mundo capitalista.

Quanto ao surgimento e disseminação das teorias conspiratórias, os autores Sunstein e Vermeule (2009) identificam duas fontes principais. Em alguns casos, essas teorias surgem de forma mais espontânea, como uma resposta popular a um evento traumático que deixa um "vácuo de explicação" e sem um responsável específico pela sua criação. Já em outros casos, essas teorias conspiratórias são criadas e promovidas pelo o que os autores chamam de "empreendedores de conspiração" - indivíduos ou grupos se beneficiam pela propagação de tais

teorias, seja de forma direta ou indireta. Esses empreendedores muitas vezes incluem líderes políticos e figuras públicas, os quais buscam reforçar suas agendas através das teorias conspiratórias. Ainda segundo Sunstein e Vermeule (2009), a disseminação de teorias conspiratórias também está ligada a fatores emocionais e cognitivos. Quando pessoas se sentem irritadas ou amedrontadas, elas são mais suscetíveis a se concentrarem e propagarem rumores. Portanto, quando eventos impactantes e traumáticos ocorrem, por exemplo, a aceitação de tais teorias pode justificar ou racionalizar o estado afetivo produzido por esse evento. Dessa forma, as teorias conspiratórias funcionam tanto como uma resposta emocional quanto como uma justificativa coerente para os sentimentos dos indivíduos.

Além disso, ao examinarem como os seres humanos adquirem suas crenças, os autores destacam que em grande parte do que acreditam saber, os seres humanos carecem de informações pessoais, precisando assim confiar no que outras pessoas pensam. Nesse sentido, observa-se um fenômeno de “epistemologia limitada”, no qual indivíduos sabem muito pouco sobre determinadas coisas, e o que sabem está errado (Sunstein e Vermeule, 2009). Essa é uma característica comum de extremistas e que contribui diretamente para que teorias conspiratórias ganhem força. As visões extremistas desses indivíduos estão baseadas no pouco que sabem e, portanto, muitas vezes seus extremismos não são resultado de uma irracionalidade - mas sim da falta de informação. Assim, mesmo desmentidas por evidências, a capacidade dessas teorias de justificar e intensificar estados emocionais negativos, somado à confiança dos indivíduos nas opiniões alheias, frequentemente impede que essas sejam abandonadas.

Nesse contexto, os judeus se tornaram o alvo perfeito para protagonizar teorias conspiratórias durante toda a história. Isso porque a visão de uma ameaça latente e personificada em um inimigo comum na qual as teorias conspiratórias se baseiam vai de encontro com a essência do que é o antissemitismo.

O autor Dan Michiman (2021), explora a questão do antissemitismo argumentando que um elemento fundamental deste preconceito milenar é a percepção histórica de que os judeus representam uma ameaça à normalidade e aos padrões de uma sociedade. Ou seja, não se trata apenas de judeus serem diferentes ou vistos como “outros”, mas sim de que essa diferença se apresenta como uma ameaça. No período moderno, com a formação do Estado-nação centralizado e o processo de secularização, sociedades europeias passaram a ver a complexidade da identidade judaica como algo não conformista, o que agravou a ideia de que os judeus constituíam uma ameaça aos padrões dominantes. No final do século XIX e início do século XX, as transformações políticas e sociais trouxeram diversas formas de identidade

judaica, sem uma definição única - religiosa ou étnica, por exemplo - o que tornava os judeus ainda mais enigmáticos e “inclassificáveis”. Michiman aponta que o antissemitismo moderno procurou dar uma resposta a essa complexidade e pluralidade judaica, recorrendo a conceitos “científicos” simplificados para classificar os judeus como uma “raça” única e ameaçadora. Foi inclusive nesse contexto que o termo “antissemitismo” surgiu - para substituir o que até então era conhecido como judeofobia, um preconceito baseado apenas no caráter religioso. Com o desenvolvimento das teorias raciais, o antissemitismo essencializou a identidade judaica, atribuindo-a a um aspecto biológico e inerente a esse povo, impassível de transformação. Essa visão serviu para consolidar o estereótipo de que os judeus, apesar de sua diversidade, compartilhavam uma essência comum e perigosa.

Sendo assim, desde os libelos de sangue até o mito do judeu bolchevique e as teorias sobre os Rothschild, judeus foram utilizados como bodes expiatórios de forma recorrente durante toda a história, protagonizando as mais diversas teorias conspiratórias e fortalecendo cada vez mais estereótipos antissemitas, sobretudo a ideia de uma constante ameaça judaica a estabilidade e ordem social. Para Heil (2012), o principal elemento comum entre essas narrativas de conspiração antissemitas pré modernas/religiosas e modernas é a ideia de que os judeus buscam objetivos secretos em benefício de seu próprio grupo e em detrimento de outros. Isso, somado a necessidade e a utilidade de bodes expiatórios em momentos sensíveis da história, fez com que muitas vezes as teorias conspiratórias antissemitas se tornassem convincentes para parcelas da população mundial. Muitas dessas teorias, inclusive, foram essenciais para perseguições contra o povo judeu - desde a época medieval até a revolução russa e o regime nazista.

Diante desse persistente fenômeno, é essencial analisar a evolução e a adaptação de tais teorias ao longo dos séculos. Cada caso trouxe uma nova roupagem para antigos preconceitos, ajustando os elementos das conspirações de acordo com o contexto social, político e/ou econômico do momento histórico. Portanto, os exemplos a seguir não apenas revelam a persistência dessas teorias, mas também demonstram como elas são constantemente adaptadas para serem utilizadas estrategicamente por diferentes atores ao longo da história.

Um dos primeiros casos relevantes de teoria conspiratória sobre judeus diz respeito aos libelos de sangue na era medieval. Esse mito, surgido durante o século XII na Europa, acusa judeus de matarem crianças cristãs para utilizar seu sangue em rituais religiosos - especificamente para a confecção de matzá durante a época de Pessach, conhecida como a páscoa judaica. Para aqueles mais familiarizados com o Judaísmo, é sabido que o consumo de

sangue é repudiado e estritamente proibido pela religião. As leis dietéticas judaicas são extremamente rígidas quanto a retirada de sangue da carne para consumo, bem como o abate de animais. Segundo o autor Sergio Feldman (2015), apesar do esforço de alguns papas da época em advertir sobre este fato, a compreensão popular e as pregações do baixo clero se propagaram. Em sua análise, Feldman (2015) cita alguns autores que abordam o surgimento do mito do crime ritual na Inglaterra, com o primeiro caso declarado sendo o de Guilherme de Norwich em 1144. A vítima, que nunca teria sido encontrada, foi santificada e teve uma crônica medieval escrita em seu nome. Um dos autores citados, Moore (2007) entende que há uma construção realizada posteriormente, na qual o xerife de Norwich analisa a morte de William e apesar das alegações da família que o jovem teria sido torturado e assassinado por judeus, não encontra evidências e, portanto, não os responsabiliza. Outro autor, Bennett Gillian (2005), considera que o criador deste mito teria sido um cronista clerical chamado William de Monmouth, que teria dado continuidade a um processo mal elaborado e analisado a morte de William em 1144. Segundo ele, o mito era uma lenda perfeita, apresentando os eventos com total confiança e sem provas ou fontes. Assim, de maneira “estranha”, foi aceito como história e obscureceu outras possíveis fontes, permitindo que o imaginário fosse construído como realidade. O autor Yuval (2006), por sua vez, apresenta a relação entre as primeiras cruzadas, marcada pelo martírio judaico em função da perseguição cristã, com essas acusações posteriores de libelo de sangue. Yuval (2006) diz que a única diferença entre o ritual do libelo de sangue e o martírio consiste em quem os judeus matam: seus próprios filhos ou os filhos de cristãos. Dessa forma, há uma inversão do martírio que o torna uma prova da absoluta disposição judaica de combater a Cristandade a todo custo, mesmo se for a morte de seus entes queridos. Já o crime ritual seria uma espécie de vingança escatológica, a partir da percepção exegética cristã (Feldman, 2015). Dessa forma, as acusações de libelo de sangue se expandiram para o continente, com pelo menos uma centena e meia de casos de acusações, quase todos resultando em punições e morte de judeus (Moore, 2007). O fenômeno durou por quase um milênio e teve seu último caso levado a tribunal na Rússia Czarista no final do século XIX (Feldman, 2015).

Apesar de podermos traçar o surgimento das primeiras teorias conspiratórias envolvendo judeus desde a época medieval, o principal e mais famoso caso responsável pela disseminação do estereótipo de uma “conspiração judaica mundial” é a obra antissemita dos Protocolos dos Sábios de Sião. Embora a autoria exata dos Protocolos permaneça desconhecida, sua origem data do final do século XIX na Rússia Czarista e sua versão mais conhecida, a qual perdura até hoje, foi publicada pela primeira vez em 1905 como um apêndice ao texto do

escritor e místico russo Sergei Nilus intitulado “Os Grandes e os Pequenos: A Vinda do Anticristo e o Domínio de Satã na Terra” (Enciclopédia do Holocausto, 2024). Os Protocolos consistem em um documento das supostas reuniões secretas de líderes judeus, os “Sábios de Sião”, onde são descritos os planos judaicos de uma conspiração internacional para dominar e controlar o mundo. Segundo Simonsen (2020), a mensagem dos Protocolos era de que:

Os judeus estão trabalhando sistematicamente e em segredo, com o objetivo de alcançar o poder mundial. Crises econômicas, revoluções, guerras, capitalismo, socialismo, liberalismo e ideias democráticas e anti-religiosas são todas alegadas como sendo inventadas pelos judeus como parte dessa conspiração.

Desde a sua popularização, inúmeros autores e estudiosos desmascararam a obra, comprovando se tratar de invenções e plágios de obras anteriores que em nada tinham a ver com judeus. Em 1921, por exemplo, o jornal londrino Times desmascarou os Protocolos apresentando uma série de provas de que eles seriam em grande parte cópia de uma sátira política contra Napoleão III, escrita em 1864 (Enciclopédia do Holocausto, 2024). Apesar de ter sido constantemente desmentida, Os Protocolos de Sião se popularizaram ao redor do mundo e tiveram sua expressão máxima na Alemanha nazista. Através da cópia apresentada por Alfred Rosenberg a Hitler no início da década de 1920, a obra teve pelo menos 23 edições publicadas entre 1919 e 1939 pelo Partido Nazista, além de ter sido utilizada na educação em escolas alemãs (Enciclopédia do Holocausto, 2024). Não é difícil compreender porque mesmo sem qualquer base na realidade os Protocolos tenham se popularizado tanto na Alemanha nazista. Após o fim da Primeira Guerra Mundial e a assinatura do Tratado de Versalhes, a Alemanha encontrava-se em uma situação de profunda devastação econômica-social, e a ascensão do partido nazista prometia ser a salvação daquela população desamparada. Em seus discursos inflamados, Hitler e outros expoentes do partido evidenciavam o ressentimento contra a ordem existente, sempre associada ao mal (Martins Júnior). Nesse sentido, ao transformarem judeus em bodes expiatórios, os Protocolos viriam a se encaixar perfeitamente nesse cenário. Uma vez aceita como verídica, a obra dos Protocolos dos Sábios de Sião explicava o fracasso da Alemanha, e atribuía um responsável a todos os problemas coletivos e pessoais causados por aquela ordem: o povo judeu. Segundo o Museu Memorial do Holocausto dos EUA (2024):

O texto dos Protocolos é um trabalho repleto de invenções, sem quaisquer bases na realidade, escrito com a intenção de culpar os judeus por diversos males sociais. Aqueles que o distribuem alegam que o livro documenta uma conspiração judaica para dominar o mundo, embora tal conspiração e seus supostos líderes, os chamados Sábios de Sião, nunca tenham existido.

Embora tenham alcançado seu auge de popularidade durante o regime nazista, Os Protocolos dos Sábios de Sião foi disseminado em diversas outras partes do mundo. Nos EUA, por exemplo, foi amplamente divulgado por Henry Ford em seu jornal “The Dearborn Independent”, na década de 1920. Posteriormente, ao ser traduzida para o árabe, a obra serviu como base para o antissemitismo islâmico.

Apesar de existirem diversas teorias conspiratórias como a dos Protocolos, cujo caráter antissemita é explícito, muitas vezes o antissemitismo se apresenta de forma velada. Principalmente após o Holocausto, quando discursos públicos abertamente antissemitas se tornaram inaceitáveis, antissemitas passaram a recorrer a diferentes tipos de “códigos” para se referirem a judeus. Conhecida como “dog-whistle”, essa estratégia é definida por William Safire (2018) como “o uso de mensagens embutidas em discursos que parecem inocentes para o público em geral, mas ressoam com um público específico preparado para recebê-las.” O termo faz referência a um apito utilizado por pastores, cujo som de alta frequência é audível para cães, mas não para ovelhas e humanos (Langer, 2022). Dessa forma, a política de “dog-whistle” usa palavras-código antissemitas e racistas que fortalecem antissemitas e racistas, mas podem passar despercebidas por aqueles que não estão familiarizados com esses ressentimentos e teorias da conspiração (Langer, 2021).

Uma das primeiras palavras-código utilizada por antissemitas para descrever uma suposta conspiração global judaica foi o nome “Rothschild”. No século XIX, a família de banqueiros de origem judaica acumulava uma imensa fortuna, transformando-a no alvo perfeito para o imaginário antissemita, anticapitalista e antimoderno da época. Alegações de que os Rothschild estariam por trás de diversos eventos globais, graças ao seu domínio sobre o sistema financeiro, transformaram-nos em um símbolo da ascensão do “poder judaico” sob o capitalismo. A mais famosa teoria conspiratória envolvendo o nome da família Rothschild é a do envolvimento de Nathan Rothschild com a Batalha de Waterloo em 1815. A suposta história foi escrita pelo autor anti-capitalista Georges-Marie Dairnvaell, sob o pseudônimo “Satan”, em um panfleto chamado “Histoire édifiante et curieuse de Rothschild I, roi des juifs” (Hudson, 2020). Nele, Dairnvaell afirmava que Nathan Rothschild estava presente em Waterloo e sabendo do resultado da batalha, teria retornado a Londres a tempo de manipular o mercado de ações britânico antes da notícia chegar ao restante do público. Essa teoria, apesar de desmentida por diversos historiadores, evidencia como as teorias conspiratórias são facilmente popularizadas, alimentadas por preconceitos e estereótipos antissemitas que se renovam em diferentes contextos históricos. A família Rothschild é apenas mais um exemplo da

personificação da associação de judeus a manipulação financeira e conspiração global. Mesmo sem evidências, até hoje os Rothschild continuam sendo alvo de diversas teorias conspiratórias - desde acusações de estarem por trás de uma “Nova Ordem Mundial” até o suposto envolvimento com a pandemia do Covid-19.

Após o nome Rothschild se tornar símbolo do poder financeiro judeu na Europa, outra importante teoria conspiratória antissemita emergiu no início do século XX. Reforçando uma ideia de que judeus estariam por trás de movimentos revolucionários que buscavam desestabilizar a ordem, a figura do “judeu bolchevique” se tornou extremamente popular após a Revolução Russa de 1917. Associando judeus ao movimento revolucionário bolchevique, essa narrativa foi amplamente propagada por regimes anti-comunistas e fascistas para justificar perseguições e alimentar, mais uma vez, o medo de uma conspiração judaica global - dessa vez de caráter comunista. Segundo Douglas Youvan (2024), as raízes dessa teoria podem ser rastreadas desde o início da Revolução Russa, uma vez que diversos líderes do Partido Bolchevique, incluindo Leon Trotsky, possuíam ascendência judaica. Baseando-se apenas nisso e ignorando o fato de que a maior parte da população judaica russa não estava envolvida com a revolução, a teoria conspiratória afirmava que os judeus seriam os mentores por trás dela, assim como do movimento comunista global, e buscavam dessa forma derrubar as sociedades cristãs tradicionais e estabelecer a dominação judaica. Vale destacar também que os judeus que fizeram parte do movimento bolchevique não agiam em nome de uma identidade judaica. Essa associação contradiz a própria essência do que era o bolchevismo: uma ideologia marxista e ateuista e que, portanto, rejeitava identidades nacionalistas e religiosas. Ainda assim, diversos líderes e regimes políticos, que viam no comunismo uma ameaça, se utilizaram do mito do judeu bolchevique para dar continuidade a visão conspiratória do povo judeu. Segundo Youvan (2024), os nazistas utilizaram o mito do judeu bolchevique como um elemento central da sua ideologia antissemita, afirmando que judeus eram responsáveis tanto pelo capitalismo quanto pelo comunismo - ambas ideologias vistas como destrutivas para a nação alemã. Apesar dessa abordagem de judeus como “exploradores capitalistas” e “revolucionários comunistas” ser extremamente contraditória, ela serviu ao propósito de demonizá-los como a raiz de todos os males sociais e justificar a sua perseguição sob o regime nazista. Ao culpar os judeus pela revolução, as elites políticas puderam desviar a atenção das verdadeiras causas das crises sociais e econômicas da época. Dessa forma, o mito do judeu bolchevique não só reforçou estereótipos antissemitas, mas foi claramente instrumentalizado para interesses políticos por grupos que

buscavam manter uma determinada ordem social e mesmo após o fim do nazismo continuou a influenciar o pensamento anticomunista em diversos países.

A persistência das teorias conspiratórias, que se adaptaram às necessidades e interesses de diferentes momentos históricos, evidencia como o antissemitismo serve como um poderoso instrumento para mobilizar emoções coletivas. Por meio dessas narrativas conspiratórias, ele permitiu a criação de bodes expiatórios para problemas complexos e estruturais e a legitimação de projetos políticos e/ou ideológicos excludentes e autoritários.

3. Populismo e Extrema-Direita: relações com o Antissemitismo e Teorias Conspiratórias

Nos últimos anos, a ascensão do populismo e da extrema-direita, especialmente em países da Europa como França, Alemanha, Polônia e Hungria, tem transformado não só o cenário político europeu, mas colocado em pauta debates e assuntos tidos até então como passados. Impulsionados pela crescente insegurança das populações, sobretudo em função de crises econômicas e sociais, os movimentos europeus de extrema-direita adotam uma retórica nacionalista antiglobalista e anti-imigração, que aponta as elites políticas e econômicas como corruptas e responsáveis pela decadência de valores tradicionais; prometendo devolver o poder ao “verdadeiro povo” e defender a identidade nacional. Nesse contexto, antigos preconceitos e estereótipos, muitas vezes expressos em teorias conspiratórias e discursos políticos, são invocados por esses grupos para a defesa de suas agendas.

O populismo prega uma ideia de oposição entre o “povo comum” e uma “elite” percebida como corrupta e distante dos interesses populares. Através de discursos diretos, apelo emocional e simplificação de problemas complexos, líderes e governos populistas se colocam como a verdadeira voz do povo, prometendo soluções rápidas e restaurando o poder popular.

Nesse sentido, segundo afirmam Bonikowski e Zhang (2023), o populismo é uma forma de reivindicação política baseada em uma oposição moral entre elites corruptas e um povo virtuoso (este visto como a única fonte legítima de poder político), a qual busca mobilizar apoio político na capitalização da desconfiança institucional e dos sentimentos anti-elite entre os segmentos da população politicamente desiludidos. É uma abordagem que apesar de estar presente tanto na direita quanto na esquerda, tem cada vez mais sido percebida na extrema direita, principalmente europeia. Segundo Wodak (2015), o populismo da extrema direita se baseia na reivindicação de representar “o povo” como uma unidade homogênea, sustentada por uma visão tradicional e de defesa de um ideal de nação. Dessa forma, uma retórica de exclusão se faz presente dentro de um discurso mais amplo sobre “estranhos” dentro e fora do Estado-nação. No contexto europeu, sob uma ideia de “nós” vs “eles”, esses movimentos populistas de direita se apresentam como “salvadores” do Ocidente, em especial da Europa Cristã, protegendo a população comum das elites e de inimigos que possam ameaçar a economia e os valores culturais.

É justamente sob essa ideia, através de uma narrativa sobre o “declínio do Ocidente”, que a extrema direita europeia vem se fortalecendo e ganhando espaço na política atual através de discursos e líderes de apelo populista. Para os movimentos populistas e de extrema-direita, o Ocidente - representado especialmente pela Europa - e suas raízes cristãs europeias, estão sob a ameaça de forças internas e externas que estão levando ao seu colapso. A imigração, em particular, é vista como uma das principais ameaças para a desconfiguração da identidade nacional e cultural, sendo considerada uma "invasão".

Segundo Jacob (2022), desde a "crise dos refugiados" em 2015, essa retórica se intensificou com nacionalistas populistas utilizando esse fenômeno para aumentar sua influência e transformar a Europa em uma "fortaleza" que contradiz os direitos humanos promovidos e enfatizados pela União Europeia. A imagem da "onda migratória" é empregada por eles para estimular medos, frequentemente baseados em estereótipos e preconceitos, sustentados por uma ideia de que a nação é algo homogêneo que precisa ser defendido contra qualquer tipo de diversidade. Logo, segundo esses movimentos, receber pessoas de culturas diferentes levaria a uma queda do Ocidente.

Parte desse discurso ainda se utiliza de teorias conspiratórias, que segundo Jacob (2022), estão ligadas às emoções nacionalistas e são instrumentalizadas por populistas que atacam “elites”, as quais mesmo não sendo identificadas, estão supostamente controlando as pessoas e o seu senso comum através de todos os meios de controle, incluindo o “mainstream” e a mídia. O apelo dessas teorias, segundo Sunstein e Vermeule (2009), reside na atribuição de eventos aparentemente inexplicáveis a ações intencionais e na relutância em aceitar a possibilidade de que consequências adversas significativas possam ser fruto do acaso, em vez de planos de alguém. Além disso, segundo Blackington e Cayton (2024), líderes populistas no poder buscam gerar uma sensação de estado de emergência, o qual somente eles podem ajudar a resolver. Nesse sentido, as teorias conspiratórias são um mecanismo eficaz para gerar uma percepção de ameaça nas populações e, dessa forma, mobilizar apoio popular.

Além de rejeitarem o multiculturalismo e se colocarem como “protetores” das populações ocidentais e suas culturas, outra questão central nessa visão é a globalização, que segundo populistas da extrema direita, enfraquece a soberania dos Estados e submete as economias nacionais aos interesses estrangeiros e ao capital global. Nesse sentido, para esses movimentos, instituições como a União Europeia, o FMI e as Nações Unidas promovem não só uma homogeneização cultural, mas também impõem políticas que enfraquecem as economias locais e tornam as nações dependentes. Nesse sentido, a globalização estaria

contribuindo para o declínio do Ocidente na medida em que promove um “cosmopolitismo”, ameaçando os valores e identidades tradicionais e a autonomia das economias nacionais.

Essa narrativa, ao mesmo tempo em que simplifica problemas complexos do mundo capitalista moderno, alimenta sentimentos de insegurança e ressentimento nas populações. A promessa de proteção e salvação se mostra extremamente poderosa, sobretudo para aqueles que, diante das mudanças econômicas e culturais, não se sentem representados pelas lideranças e veem um senso de pertencimento e união em torno da defesa de um ideal de nação livre de influências estrangeiras e cosmopolitas. Entretanto, esse discurso é extremamente excludente e muitas vezes conspiratório, frequentemente despertando antigos preconceitos e estereótipos. A ideia de que ameaças externas, e até internas, estão conspirando contra a nação reforça o apelo desses movimentos de defender o “verdadeiro povo”, canalizando as ansiedades sociais da população para bodes expiatórios, como elites e minorias - essas frequentemente representadas por imigrantes e grupos religiosos específicos - que se tornam vítimas de falsas acusações populistas.

Nesse contexto, cada vez mais o antissemitismo tem voltado a aparecer em discursos populistas da extrema-direita europeia. Embora raramente apareça de forma completamente explícita nos discursos, o antissemitismo se encontra implícito nas narrativas conspiratórias que atacam uma suposta rede de elites globais que ameaça as nações europeias. Uma vez que judeus já ocupam historicamente o papel de bodes expiatórios, essa narrativa conspiratória é facilmente, e frequentemente, associada às figuras judaicas, através de conhecidos estereótipos que representam judeus como um influente grupo “não nacional” de manipuladores e cosmopolitas.

Entretanto, como já mencionado, nem sempre o antissemitismo se manifesta explicitamente na agenda da extrema-direita. Segundo Wodak (2017), em alguns países, sobretudo no leste europeu, o aumento do antissemitismo muçulmano tem levado partidos de direita a se alinharem e apoiarem populações judaicas em suas campanhas com o objetivo de instrumentalizar sentimentos anti-muçulmanos. Apesar de aparentar estarem “a favor” de populações judaicas, o que observamos é que na verdade judeus se tornam “tokens” e o antissemitismo apenas mais um instrumento para alcançar outros objetivos da agenda política desses movimentos. Um exemplo disso é o uso da figura de George Soros pelo governo de Viktor Orbán. Soros, um bilionário judeu, é descrito como parte da elite global e como um manipulador e financiador de crises políticas, econômicas e migratórias, que está ativamente contribuindo para a “islamização” da Hungria.

Segundo Langer (2022), para explorar estereótipos e preconceitos presentes nas sociedades europeias, líderes populistas e de extrema direita utilizam uma estratégia de “dog whistle”, inserindo códigos em seus discursos políticos para transmitir mensagens capazes de serem compreendidas por aqueles que compartilham preconceitos e crenças específicas e ao mesmo tempo parecerem inofensivas em um nível mais superficial.

Portanto, a estratégia de “dog whistle” é extremamente eficaz para populistas de extrema-direita, que se apresentam como defensores de uma sociedade ocidental-europeia, supostamente ameaçada por forças externas. O uso de figuras individuais ou abstrações de uma suposta “elite global” que busca acabar com os valores e identidades nacionais do Ocidente reforça gerações de preconceitos, que são adaptados para se tornarem mais aceitáveis e menos visíveis como discursos de ódio para, dessa forma, serem utilizados para a mobilização de agendas específicas e apoio popular.

4. Estudo de Caso: o discurso anti-Soros na Hungria de Viktor Orbán

O antissemitismo aparece no discurso populista e da extrema-direita sob formas tanto explícitas quanto implícitas. Em vez de mencionar diretamente o ódio aos judeus, muitos líderes populistas e de extrema-direita adotam um vocabulário cifrado - estratégia de “dog whistles” - referindo-se a “globalistas”, “elites bancárias” ou “interesses estrangeiros”. Esses termos, em muitos casos, são ressignificações de antigas narrativas antissemitas, que propagam a imagem dos judeus como conspiradores ocultos e manipuladores. Um exemplo recente disso é a utilização da figura de George Soros, um bilionário judeu, em teorias conspiratórias difundidas pelo governo de extrema-direita húngaro. Nelas, Soros é descrito como manipulador e financiador de crises políticas, migratórias e econômicas – uma forma de personificação moderna do estereótipo antissemita do “judeu conspirador”. Esse uso de figuras individuais reforça estigmas e gerações de preconceitos antissemitas, que se adaptam ao contexto atual para se tornarem mais palatáveis e menos visíveis como discursos de ódio. Dessa forma, como observaremos aqui no estudo de caso da Hungria, o antissemitismo e as teorias conspiratórias se tornam instrumentos para servir aos interesses e às agendas de quem os mobilizam.

Após o colapso do regime comunista em 1989, a Hungria passou a ser uma democracia liberal com uma economia de mercado. (Vatican News, 2023) A década seguinte a essa transição foi marcada por esforços para integrar-se a instituições ocidentais, como a OTAN e a União Europeia, assim como pelo florescimento de uma sociedade civil húngara ativa, a qual contou com o apoio de diversas organizações internacionais, tais como a Open Society Foundation de George Soros. Entretanto, o entusiasmo que se observou durante a década de 90 com a mudança do regime rapidamente deu espaço a uma crescente desilusão a partir dos anos 2000, principalmente em função dos problemas econômicos, da corrupção e da crescente desigualdade que se instaurava (Biró-Nagy, 2017). Nesse contexto, vozes mais conservadoras e com apelos populistas passaram a ganhar notoriedade no campo político. Entre elas, o primeiro-ministro e líder do partido Fidesz Viktor Orbán, que desde 2010, quando foi eleito premiê pela segunda vez, já se encontra em seu quarto mandato. Desde então, com Orbán tendo afirmado seu desejo de transformar a Hungria em uma "democracia iliberal" (Governo Húngaro, 2014), o país vem sofrendo um enfraquecimento sistemático das instituições democráticas. Através de uma série de mudanças constitucionais, com reformas legislativas e políticas, há uma consolidação cada vez maior do poder do partido Fidesz, além de uma marginalização da oposição e limitação da liberdade de imprensa.

Além disso, o governo de Viktor Orbán é marcado por um discurso de forte apelo populista. Prometendo estabilidade, proteção da identidade húngara e dos valores “tradicionais”, Orbán se coloca contra a imigração, o globalismo e as elites internacionais, frequentemente adotando retóricas agressivas contra imigrantes e minorias, além de utilizar narrativas conspiratórias e bodes expiatórios para apoiar suas ideias. Segundo Wodak (2020), Orbán se opõe à migração para a Hungria, principalmente de refugiados muçulmanos, e adota uma postura extremamente adversária da União Europeia, vista como uma suposta ameaça à integridade nacional. Ele também defende uma democracia iliberal “baseada no cristianismo”, sustentando a ideia de que tudo deve ser feito para garantir a sobrevivência da “nação húngara” como uma monocultura racial, étnica e religiosa.

Entre as figuras que protagonizam esse discurso do governo, destaca-se a de George Soros - um bilionário de origem húngara e judeu sobrevivente do Holocausto que dedicou-se durante anos a filantropia e as causas progressistas. Soros foi responsável por fundar a Universidade Centro-Europeia (CEU) em Budapeste e, através da sua fundação Open Society Foundation (OSF), financiou diversos projetos de educação e sociedade civil na Hungria, tendo o próprio Viktor Orbán estudado na Inglaterra através de uma bolsa de estudos financiada por ele, em 1989. (The Guardian, 2017) Entretanto, anos depois, seu comprometimento com pautas progressistas e direitos humanos se tornou um dos principais alvos do governo de Orbán, o qual transformou Soros no símbolo de uma suposta conspiração globalista que ameaça a soberania húngara e sua identidade nacional.

Em 2015, a Europa se viu diante de uma “crise dos refugiados”, quando a intensificação da guerra civil na Síria levou a grandes ondas de imigrantes sírios e de outros lugares do Oriente Médio e África. Segundo Divinsky (2017), com essa rápida intensificação, além de tragédias humanas diárias, hesitações políticas e falhas, a “crise” encontrou por parte da União Europeia um despreparo de suas representações políticas, elites intelectuais, populações nativas e mídia - a qual muitas vezes cobriu a situação de forma sensacionalista e preconceituosa. Diante desse contexto, uma série de respostas institucionais e opiniões individuais começaram surgir sobre o tema. Entre elas, a de George Soros, que consistia em uma série de possíveis soluções para a questão migratória europeia, mas que posteriormente se tornou parte de uma narrativa conspiratória da extrema direita húngara.

O governo de Orbán passou a difundir a ideia de que Soros estaria por trás de um plano para desestabilizar a Hungria e a Europa através da imigração em massa e de agendas multiculturais - o chamado “Plano Soros”. Essa narrativa é amplamente difundida pelo governo

de Orbán por meio de campanhas midiáticas, discursos políticos e iniciativas institucionais, como o questionário nacional sobre o suposto plano. Dessa forma, o discurso anti-Soros é utilizado como uma ferramenta retórica para justificar as políticas autoritárias e a agenda nacionalista e anti-imigração do governo. Através da mobilização de tropos antissemitas e um discurso de diferenciação entre “nós” e “eles”, o qual reforça uma identidade nacional húngara oposta ao multiculturalismo, Orbán constrói uma imagem da Hungria como detentora de valores tradicionais e soberania nacional em oposição a uma Europa e um Ocidente supostamente decadentes e submissos aos interesses de elites globalistas.

Embora esse discurso raramente mencione de forma explícita a origem judaica de Soros, ao analisar suas falas observa-se que a retórica utilizada por Orbán frequentemente mobiliza uma estratégia de "dog whistle, com falas, símbolos e códigos que evocam antigos estereótipos antissemitas - personificados na figura de Soros - para convencer a população da sua agenda. Dessa forma, o que analisaremos nos discursos de Viktor Orbán é que a campanha contra Soros combina elementos nacionalistas com xenofobia e antissemitismo, apresentando o filantropo e bilionário judeu como uma ameaça a soberania nacional e aos verdadeiros valores europeus. A análise se baseia em três fontes principais para explorar a instrumentalização do discurso anti-Soros por Viktor Orbán: o discurso de Orbán no Parlamento Europeu em 2017, sob o contexto das tensões entre a Hungria e a União Europeia sobre questões de imigração e valores democráticos; o discurso de Orbán no Texas, durante o CPAC (Conservative Political Action Conference) em 2022, um evento político organizado pelos líderes conservadores norte-americanos; e o questionário nacional sobre o “Plano Soros” realizado em 2017 pelo próprio governo de Orbán em “uma das várias consultas nacionais para perguntar a população sua opinião sobre assuntos importantes para suas vidas diárias” (Hungria, 2017). Essas fontes revelam como Viktor Orbán e seu partido Fidesz utilizam o discurso conspiratório e antissemita anti-Soros para reforçar dois pilares centrais em sua narrativa política: (1) o combate à imigração e (2) a oposição entre a Hungria e um Ocidente supostamente decadente.

Tabela 1. Trechos de falas do governo Orbán relacionadas a George Soros

Discurso no Parlamento Europeu (2017)
<i>“Temos uma disputa, em parte com vocês e em parte com um especulador financeiro americano. Sei que o poder, o tamanho e o peso da Hungria são muito menores do que os</i>

do especulador financeiro George Soros, que agora ataca a Hungria e que – apesar de arruinar as vidas de milhões de europeus com suas especulações financeiras, sendo penalizado na Hungria por suas especulações, e sendo um inimigo declarado do euro – é tão elogiado que é recebido pelos líderes de topo da UE. Mas isso não é motivo para nos condenarem com base em falsidades, porque a justiça não depende do tamanho de um país.”

"É uma informação importante que George Soros e suas ONGs querem transportar um milhão de migrantes para a UE por ano. Ele anunciou pessoalmente e publicamente este programa e fornece um empréstimo financeiro para isso."

"Houve especulações de que o governo húngaro, por meios legais, fechou a universidade privada com sede em Budapeste, fundada pelo especulador financeiro americano George Soros. O reitor da universidade assegura à sua comunidade que suas operações continuarão. No entanto, a realidade é que nossa emenda legal afeta 28 universidades estrangeiras, garantindo igualdade de condições ao fechar brechas para práticas especulativas e exigindo transparência. Ela põe fim ao tratamento privilegiado que essas instituições estrangeiras anteriormente desfrutavam em relação às universidades europeias."

"A Hungria é um país orgulhoso. Os húngaros sempre se consideraram uma nação importante, devota aos *valores cristãos da Europa*, e queriam ter voz nas decisões que lhes dizem respeito."

"A proposta atualmente discutida na Hungria –[...] segue o exemplo americano. Muitos países da União e, se estou correto, até mesmo este Parlamento, no âmbito do Relatório Pieper, está lidando com a questão complicada de como tornar as operações de lobbies externos estrangeiros financeiramente fortes, que desejam influenciar a tomada de decisões democráticas, transparentes para todos. A legislação húngara baseia-se no princípio de clareza e transparência. Não queremos nada além de poder saber das ONGs *que tipo de dinheiro e que tipo de interesses estão por trás delas.*"

Discurso no CPAC Texas (2022)

"Considere, por exemplo, George Soros, como vocês o chamam aqui. Na Hungria, nós o chamamos de Gyuri bácsi, que significa Tio Georgie. O mais rico e um dos húngaros mais talentosos da Terra! Só uma dica: cuidado com os húngaros talentosos! Eu conheço George Soros muito bem. Ele é meu oponente. Ele não acredita em nada do que acreditamos. *E ele*

tem um exército a seu serviço: dinheiro, ONGs, universidades, instituições de pesquisa e metade da burocracia em Bruxelas."

"Ele usa esse exército para impor sua vontade sobre seus oponentes, como nós, húngaros. Ele acha que os valores que prezamos levaram aos horrores do século XX. Mas o caso é exatamente o oposto. Nossos valores nos salvam de repetir os erros da história."

"Hoje, os progressistas planejam desistir dos valores ocidentais e criar um Novo Mundo, um Mundo Pós-Occidental. Quem vai detê-los se não formos nós?"

"O que posso mostrar a vocês, americanos conservadores, é como lutar contra as regras deles. Nós sabemos que os valores progressistas querem separar a civilização ocidental de suas raízes judaico-cristãs, o que levará aos piores eventos históricos, como no passado."

Questionário Nacional (2017)

George Soros quer convencer Bruxelas a reassentar pelo menos um milhão de imigrantes da África e do Oriente Médio anualmente no território da União Europeia, incluindo a Hungria. Soros tem trabalhado por muitos anos para mudar a Europa e as sociedades europeias. Ele quer alcançar seu objetivo com o reassentamento em massa de pessoas de diferentes origens culturais. Ao apresentar seu plano, ele o descreveu assim: "[A] UE tem que aceitar pelo menos um milhão de requerentes de asilo anualmente no futuro previsível!" (Project Syndicate, 26 de setembro de 2015). O Parlamento Europeu apoia uma posição semelhante. O órgão público apoiou programas de relocação e o estabelecimento de rotas de imigração. (2015/2342.(INI))

George Soros, junto com líderes em Bruxelas, também planeja que os estados-membros da UE, incluindo a Hungria, desmantelem as cercas de proteção de fronteiras e abram as fronteiras para os imigrantes. Fronteiras bem guardadas significam proteção eficaz contra a imigração ilegal. Não é coincidência que o desmantelamento das cercas de proteção de fronteiras seja um objetivo importante do plano Soros. Dessa forma, as fronteiras se abririam para imigrantes ilegais. O bilionário disse que "nosso plano trata a proteção dos refugiados como objetivo e as fronteiras nacionais como obstáculo" (Bloomberg Business, 30 de outubro de 2015). Certos líderes em Bruxelas também criticaram severamente as defesas de fronteiras. O comissário de migração afirmou em junho: não é uma boa solução se os estados-membros da UE erguem cercas nas fronteiras externas.

Com base no plano Soros, Bruxelas deveria exigir de cada estado-membro, incluindo a Hungria, o pagamento de 9 milhões de HUF em ajuda estatal obrigatória para cada imigrante. De acordo com Soros, quantias significativas deveriam ser gastas com imigrantes. "A UE deveria fornecer €15.000 (\$16.800) por requerente de asilo durante os dois primeiros anos para ajudar a cobrir custos de moradia, saúde e educação - e tornar a aceitação de refugiados mais atraente para os estados-membros." (Project Syndicate, 26 de setembro de 2015). Segundo o bilionário, essa soma deveria ser paga com empréstimos. Soros propõe que impostos sejam aumentados para pagar os empréstimos. O bilionário aumentaria o imposto sobre valor agregado e os impostos sobre gasolina e turismo. No ano passado, em Bruxelas, Soros também recomendou que a UE, para superar a crise migratória, deveria diminuir os fundos agrícolas e de coesão para os países da Europa Central.

George Soros também gostaria que os migrantes recebessem sentenças mais leves pelos crimes que cometerem. George Soros, com quantias significativas de financiamento, apoia inúmeras organizações que assistem imigrantes e defendem aqueles que cometeram atos ilegais. Um exemplo, o Comitê Helsinki Húngaro, com relação à travessia proibida da fronteira, argumentou que "a aplicação de consequências legais rígidas para a entrada ilegal pode ser considerada preocupante." Outra organização financiada por Soros, a Anistia Internacional, exigiu inúmeras vezes que Ahmed H fosse libertado, o homem que foi condenado por atacar com pedras os policiais húngaros que defendiam a fronteira. A Anistia ainda que ria que o estado húngaro pagasse uma indenização.

O objetivo do plano Soros é diminuir a importância da língua e da cultura dos países europeus para facilitar a integração de imigrantes ilegais. George Soros escreve em seu livro "Sociedade Aberta" que "o declínio desses poderes [do estado soberano] deveria ser um desenvolvimento bem-vindo." Soros também falou abertamente sobre não desistir da convicção de que a migração beneficia a Europa. Ele convocou organizações não governamentais (ONGs) e empresas a se tornarem patrocinadores da imigração. Ele também disse que o continente deveria finalmente dar passos ativos para estabelecer sociedades abertas. Mesmo hoje, em alguns países europeus e empresas multinacionais, símbolos europeus e cristãos são voluntariamente removidos, para que não "ofendam a sensibilidade dos imigrantes."

Fonte: Elaboração própria com base em CPAC, 2022; Hungria, 2017 e Parlamento Europeu, 2022.

Como afirmam Richardson e Wodak (2022), Soros é considerado pelo governo Orbán o exemplo de um poderoso “globalista” judeu, que: 1) é simultaneamente capitalista e socialista; 2) enriqueceu por meio do capitalismo financeiro; 3) oferece apoio financeiro a causas liberais e, 4) é defensor de “sociedades abertas” (o que muitos na direita interpretam como “fronteiras abertas”, levando à “miscigenação”). Nesse sentido, observa-se um padrão recorrente na narrativa anti-Soros do governo Orbán, que combina elementos nacionalistas, xenofóbicos e antisemitas, além de utilizar “dog whistles” que evocam estereótipos históricos. Soros é retratado como um inimigo que ameaça a Hungria com sua agenda globalista. Além disso, há uma constante oposição ao multiculturalismo e a suposta decadência do Ocidente, a qual reforça a ideia de uma identidade nacional húngara tradicional e homogênea.

Aqui, a análise será estruturada em três partes principais, explorando os diferentes pontos dessa narrativa. Primeiramente, será abordada a questão da imigração, a qual vinculada a figura de Soros, é utilizada para criar uma suposta ameaça existencial à Hungria. Em seguida, o posicionamento do governo de Orbán como defensor dos valores europeus, através da oposição entre a Hungria e o suposto Ocidente “decadente”, no qual a União Europeia e suas políticas estariam inseridas. Por fim, será examinado o caráter antisemita implícito desses discursos.

4.1. A questão da imigração

A imigração é um dos principais temas na agenda de Viktor Orbán e seu partido. Sua narrativa sobre o “Plano Soros” posiciona a imigração como uma ameaça existencial à Hungria, sua identidade e valores tradicionais. Ao afirmar no questionário oficial distribuído à população que “George Soros quer convencer Bruxelas a reassentar pelo menos um milhão de imigrantes da África e do Oriente Médio anualmente na União Europeia, incluindo a Hungria”, o governo de Orbán utiliza uma linguagem alarmista para apresentar Soros como um agente influente que supostamente manipula as instituições europeias para impor seus próprios interesses - nesse caso, a imigração em massa.

A vinculação da figura de Soros à imigração reflete uma estratégia clássica de criar bodes expiatórios, reforçando medos relacionados à segurança, economia e identidade cultural. Assim, Orbán utiliza o medo da população associado a imigração para justificar políticas autoritárias, como a construção de barreiras fronteiriças e a recusa em aceitar quotas de refugiados impostas pela UE. No questionário, outra afirmação diz que: “George Soros, junto com líderes em Bruxelas, planejam dismantlar as cercas de proteção de fronteiras e abrir as fronteiras para imigrantes.” Essa retórica não apenas posiciona Soros como o arquiteto de uma conspiração globalista, mas também legitima a postura de oposição à UE do governo húngaro.

Além disso, ao destacar as origens africanas e do Oriente Médio dos imigrantes, há uma clara estratégia de reforçar temores nacionalistas e xenofóbicos - típicos de discursos populistas como o do governo Orbán. A ideia de “dismantlar cercas” também apela para um lugar de medo no imaginário da população, remetendo a uma possível desordem social e perda de controle fronteiriço. Reforçando essa ideia de que Soros estaria por trás da promoção de uma desordem social e atuando contra os interesses da população nacional, o questionário ainda afirma que: “George Soros gostaria de ver os imigrantes receberem sentenças mais leves pelos crimes que cometeram” e “O objetivo do plano Soros é diminuir a importância da língua e da cultura dos países europeus para facilitar a integração de imigrantes ilegais.” Aqui, utilizando estereótipos xenofóbicos para associar imigrantes à criminalidade, Soros é retratado como um inimigo da cultura e dos valores tradicionais europeus, cujo objetivo é enfraquecer as identidades nacionais. Dessa forma, o governo húngaro utiliza a narrativa do “Plano Soros” para justificar políticas de fechamento de fronteiras e rejeição às cotas de imigração impostas pela União Europeia, apresentando tais medidas como ações indispensáveis para a preservação da identidade e da segurança do povo húngaro.

4.2. A Hungria em oposição a União Europeia e a decadência do Ocidente

Em sua narrativa, Orbán frequentemente reforça uma oposição entre a Hungria e o restante do Ocidente, especialmente a União Europeia, retratada como uma entidade corrompida e subordinada aos interesses de elites distantes e desconectadas dos interesses das nações-membro como a Hungria. Para ele, essas elites são influenciadas por figuras como a de George Soros, que utilizam sua influência e poder para impor suas agendas globalistas.

Em seu discurso no Parlamento Europeu, Orbán afirma: “Temos uma disputa, em parte com vocês e em parte com um especulador financeiro americano. Sei que o poder, o tamanho

e o peso da Hungria são muito menores do que os do especulador financeiro George Soros, que agora está atacando a Hungria.” e “Eles querem criar um Novo Mundo, um mundo pós-Occidental. Quem os deterá, se não nós?”. Nesse contexto, o “nós” representa uma Hungria defensora da civilização cristã europeia, da ordem e da estabilidade em contraste ao “eles” – composto por Soros, a União Europeia e o restante do Ocidente – que, por sua vez, representa a desordem, a perda de identidade cultural e a subversão das fronteiras nacionais.

Sob essa perspectiva, a figura de Soros simboliza uma conspiração maior que reforça a necessidade de proteger a Hungria de influências estrangeiras e de “sucumbir” ao multiculturalismo e à globalização. Em determinada parte do questionário oficial, o governo diz que parte do Plano Soros seria “diminuir a importância da língua e da cultura dos países europeus para facilitar a integração de imigrantes ilegais.” Ele reforça a ideia de que Soros é uma ameaça não apenas à soberania, mas também à identidade cultural húngara. A caracterização de Soros como símbolo de tudo que é considerado externo, globalista e destrutivo para a cultura húngara serve como um ponto de unificação para a identidade húngara promovida por Orbán e consolida o papel do seu governo como defensor de uma cultura homogênea, além de apelar para sentimentos nacionalistas e de exclusão entre a população.

Além disso, ao criticar o comprometimento e as agendas de instituições como a União Europeia, Orbán utiliza o discurso anti-Soros para justificar a resistência de seu governo a determinadas regulamentações e políticas, como por exemplo, quotas de imigração e medidas de governança econômica. Em suas falas, ele retrata tais políticas como imposições externas que ameaçam a autonomia e soberania nacional, e reforça a imagem que o seu governo busca retratar de uma Hungria independente que, ao contrário do restante da Europa, ainda resiste às demandas das supostas elites globalistas.

4.3. O antissemitismo implícito

Embora Viktor Orbán raramente mencione de forma explícita a origem judaica de George Soros em seu discurso, o antissemitismo faz parte de sua retórica, apresentando-se de forma implícita e estrutural. Em seus discursos, assim como no questionário oficial sobre o “Plano Soros”, percebe-se que há uma mobilização de “dog whistles”, com Orbán constantemente recorrendo a imagens, narrativas e termos que evocam propositalmente estereótipos e narrativas conspiratórias historicamente antissemitas. As descrições de Soros se assemelham às narrativas historicamente antissemitas que retratam judeus como manipuladores

das finanças e políticas globais, responsáveis por crises econômicas e desestabilização das nações. Ainda que seja despercebido pelo público mais amplo, Orbán ativa associações inconscientes com estereótipos antissemitas enraizados na sociedade. Como afirma Langer (2022), ao retratar Soros, um indivíduo cuja origem judaica é amplamente conhecida, como um mestre manipulador que controla eventos nacionais com propósitos malignos, cria-se uma normalização de estereótipos antissemitas e apoio a antissemitas genuínos que disseminam essas ideias de forma consciente e maliciosa”.

Em seu discurso no CPAC, Orbán afirma que “dinheiro, ONGs, universidades, instituições de pesquisa e metade da burocracia em Bruxelas” são parte do exército de Soros. Essa descrição ecoa uma clássica narrativa antissemita, semelhante à dos Protocolos dos Sábios de Sião por exemplo, que alega a existência de uma conspiração judaica global para controlar governos e nações. Ao associar Soros à coordenação de uma rede de influência extensa, Orbán cria a imagem de uma ameaça subversiva à soberania nacional.

De maneira similar, durante seu discurso no Parlamento Europeu, Orbán retratou Soros como um “especulador financeiro americano” que além de “arruinar a vida de milhões de europeus” está “atacando a Hungria” com o apoio dos líderes da União Europeia. Aqui, a imagem de Soros é a de um manipulador econômico cujas ações prejudicam a população europeia e são responsáveis por crises econômicas. Similar à teoria conspiratória do século XIX sobre Nathan Rothschild de 1815, essa narrativa remete Soros diretamente ao mito do judeu conspirador, historicamente descrito como alguém que faz parte de uma rede de influência global e que utiliza de seu poder para desestabilizar as nações em detrimento de seu próprio benefício. A menção da conexão de Soros com líderes da União Europeia não só reforça essa ideia de que há uma rede de influência global, mas também coloca a própria União Europeia como parte dessa suposta ameaça à soberania e autonomia húngara. Além disso, ao enfatizar que Soros é “americano”, Orbán reforça um estigma associado aos judeus, no qual são acusados de serem “outsiders” em seus países e desprovidos de lealdade nacional. Logo, ao resgatar esses antigos preconceitos, Orbán constrói a figura de Soros como um “estranho” que está desvinculado da comunidade local e operando junto à União Europeia em prol de seus próprios benefícios.

Já no questionário nacional sobre o “Plano Soros”, o governo de Orbán mobiliza o “medo” da imigração junto a estereótipos xenofóbicos e antissemitas através de uma linguagem sensacionalista para consolidar a imagem conspiratória de Soros. Historicamente, judeus foram acusados de serem agentes promotores de desordem social e subversão cultural. Essa retórica é

ativada aqui ao acusarem Soros de facilitar a imigração e promover o multiculturalismo, buscando enfraquecer as identidades nacionais para impor sua própria agenda globalista. Além de despertar medo e sentimentos nacionalistas, esse tipo de discurso traz à tona teorias conspiratórias que acusam judeus de enfraquecer laços culturais para aumentarem sua própria influência.

Esse discurso conspiratório é extremamente eficaz na legitimação das políticas do governo de Orbán, pois contribui para a produção e manutenção de uma sensação de medo e ameaça latente. A vinculação de Soros a imigração em massa, enfraquecimento de fronteiras e destruição da cultura europeia evocam um quadro de emergência, marcado pela desordem e perda de soberania. Essa percepção é fundamental para justificar medidas autoritárias e restritivas do governo, como fechamento de fronteiras, limitação de ONGs e universidades e até reformas constitucionais. Além disso, a ideia de que existem figuras extremamente poderosas e influentes como Soros canaliza possíveis descontentamentos da população para inimigos externos e implica na necessidade de um governo forte que proteja o país deles.

5. Conclusão

As narrativas conspiratórias e antissemitas foram constantemente adaptadas para atender aos interesses políticos e sociais de diferentes contextos históricos. Desde as teorias mais antigas, como os libelos de sangue e os Protocolos dos Sábios de Sião, até as narrativas mais recentes envolvendo figuras como George Soros, essas teorias conspiratórias serviram como explicações simplistas para problemas complexos e estruturais do mundo moderno. Através da criação de bodes expiatórios, essas narrativas são capazes de canalizar ressentimentos, ansiedades e medos das sociedades, sobretudo em períodos de crise e transformações sociais.

No contexto contemporâneo, o discurso anti-Soros na Hungria governada por Viktor Orbán é um exemplo emblemático do resgate e instrumentalização dessas narrativas conspiratórias de caráter antissemita por movimentos populistas e de extrema-direita. Nesse contexto, Soros é descrito como o símbolo de uma suposta conspiração globalista que ameaça a soberania nacional, a identidade e os valores tradicionais europeus.

A retórica utilizada por Orbán reativa os mesmos estereótipos presentes nas antigas teorias conspiratórias, os quais associam judeus a manipulações políticas e financeiras e conspirações globais. Entretanto, em um mundo pós Holocausto, onde o antissemitismo explícito é amplamente ondenado, sobretudo em discursos políticos oficiais, isso ocorre de forma implícita, através de "dog whistles" que ressoam preconceitos sem expô-los diretamente. Ao resgatar elementos históricos de teorias conspiratórias antissemitas para criar um cenário marcado por uma suposta ameaça a soberania e cultura húngara, o governo de Orbán utiliza o discurso anti-Soros para mobilizar apoio popular e legitimar suas políticas autoritárias e restritivas - em muitos casos, em oposição aos valores democráticos e a instituições como a União Europeia.

Dessa forma, o caso húngaro se insere em um padrão recorrente em toda a história, no qual as narrativas conspiratórias antissemitas servem como uma importante ferramenta de manipulação política. A análise desse fenômeno nos permite entender parte da lógica por trás de governos populistas e de extrema-direita, bem como desmascarar estratégias discursivas empregadas por eles para, através da perpetuação de preconceitos, legitimar agendas e políticas autoritárias com o apoio popular. Nesse sentido, o combate ao antissemitismo e as narrativas conspiratórias é um passo essencial para fortalecer os valores democráticos e o bem-estar de sociedades pluralistas e igualitárias. Sem esse enfrentamento, a perpetuação de discursos de

ódio continuará a ser utilizada como uma ferramenta de poder por diferentes regimes políticos para atender as suas agendas e interesses.

6. Referências bibliográficas

BÍÓ-NAGY, András. *Illiberal democracy in Hungary: the social background and practical steps of building an illiberal state*. Tbilisi: Center for Social Sciences, jan. 2017. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/316994178_Illiberal_Democracy_in_Hungary_The_Social_Background_and_Practical_Steps_of_Building_an_Illiberal_State. Acesso em: 4 dez. 2024.

BONIKOWSKI, Bart; ZHANG, Yueran. *Populism as Dog-Whistle Politics: Anti-Elite Discourse and Sentiments toward Minorities*. 2023. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/367485658_Populism_as_Dog-Whistle_Politics_Anti-Elite_Discourse_and_Sentiments_Toward_Minority_Groups. Acesso em: 3 dez. 2024.

CPAC. *Speech by Prime Minister Viktor Orbán at the opening of CPAC Texas*. Dallas: Cabinet Office of the Prime Minister, 4 ago. 2022. Disponível em: <https://2015-2022.miniszterelnok.hu/speech-by-prime-minister-viktor-orban-at-the-opening-of-cpac-texas/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

DIVINSKY, Boris. *Soros' Migration Plan – A Myth Or Reality?* 2017. Institute of Ethnology SAS. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/331994267_Soros'_Migration_Plan_-_A_Myth_Or_Reality. Acesso em: 3 dez. 2024.

DOUGLAS, K.M.; USCINSKI, J.E.; SUTTON, R.M.; CICHOCKA, A.; NEFES, T.; ANG, C.S.; DERAVID, F. Understanding Conspiracy Theories. *Political Psychology*, v. 40, p. 3-35, 2019. <https://doi.org/10.1111/pops.12568>.

FELDMAN, Sergio. Origens do mito do crime ritual: (séculos XI e XII). In: V ENCONTRO INTERNACIONAL UFES/PARIS-EST, 5., 2015, Vitória, ES. Anais... Vitória: UFES, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ufesupem/article/download/11817/8500>. Acesso em: 3 dez. 2024.

HEIL, Johannes. Thomas Monmouth and the Protocols of the Sages of Narbonne. In: LANDES, Richard; KATZ, Steven T. (Eds.). *The Paranoid Apocalypse: A Hundred-Year Retrospective on 'The Protocols of the Elders of Zion'*. New York: New York University Press, 2012. p. 56-76.

HUDSON, Myles. *Where do anti-Semitic conspiracy theories about the Rothschild family come from?* Encyclopedia Britannica, 3 set. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/story/where-do-anti-semitic-conspiracy-theories-about-the-rothschild-family-come-from>. Acesso em: 4 dez. 2024.

HUNGARY. *Here's the questionnaire that allows the people to have their say on the Soros Plan. About Hungary*, 29 set. 2017. Disponível em: <https://abouthungary.hu/news-in-brief/national-consultation-on-the-soros-plan>. Acesso em: 4 dez. 2024.

HUNGARY. *Prime Minister Viktor Orbán's speech at the 25th Bálványos Summer Free University and Student Camp*. 2014. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-25th-balvanyos-summer-free-university-and-student-camp>. Acesso em: 4 dez. 2024.

JACOB, Frank. The Decline of the Occident: A Traditional Narrative of Nationalism Populism. In: SCHAPKOW, Carsten; JACOB, Frank (orgs.). *Nationalism and Populism*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2022. Disponível em: <https://www.degruyter.com>. Acesso em: 3 dez. 2024.

LANGER, Amin. Dog-Whistle Politics as a Strategy of American Nationalists and Populists: George Soros, the Rothschilds, and Other Conspiracy Theories. In: SCHAPKOW, Carsten; JACOB, Frank (orgs.). *Nationalism and Populism*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2022. Disponível em: <https://www.degruyter.com>. Acesso em: 3 dez. 2024.

LANGER, Armin. The Eternal George Soros: The Rise of an Antisemitic and Islamophobic Conspiracy Theory. In: KROUWEL, André; ÖNNERFORS, Andreas (Eds.). *Europe: Continent of Conspiracies: Conspiracy Theories in and about Europe*. Abingdon: Routledge, 2021. p. 163-184.

MARTINS JÚNIOR, Renilson Pereira. *Os Protocolos dos Sábios de Sião: o mito da conspiração judaica sob a ótica nazista*. Brasil Escola. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/historia/protocolos-dos-sabios-siao-mito-conspiracao-judaica-sob-otica-nazista.htm>. Acesso em: 4 dez. 2024.

MICHIMAN, Dan. The Jew as a Problem for Modern European Political Logic. In: *Confronting Antisemitism in Modern Media, the Legal and Political Worlds*. [S.l.]: De Gruyter, 2020. p. 58-78. Disponível em: <https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/50215/9783110671964.pdf#page=58>. Acesso em: 3 dez. 2024.

MOORE, Robert Ian. *The Formation of a Persecuting Society: Authority and Deviance in Western Europe 950-1250*. Oxford: Blackwell, 2007.

PARLAMENTO EUROPEU. *Prime Minister Viktor Orbán's speech in the European Parliament*. 2017. Disponível em: <https://bern.mfa.gov.hu/eng/news/orban-viktor-miniszterelnok-felszolalasa-az-europai-parlament-plenaris-uelesen>. Acesso em: 4 dez. 2024.

RICHARDSON, John E.; WODAK, Ruth. *Anti-Sorosism: Reviving the "Jewish World Conspiracy"*. 2022. Disponível em: <https://keele-repository.worktribe.com/preview/461114/Richardson%20Wodak%202022%20AntoSorosism.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2024.

SUBOTIC, Jelena. *Narrative, ontological security, and foreign policy change*. Foreign Policy Analysis, v. 12, n. 4, p. 610-627, 2016. Disponível em: <https://sci-hub.ru/10.1111/fpa.12089>. Acesso em: 4 dez. 2024.

SUNSTEIN, Cass R.; VERMEULE, Adrian. *Conspiracy Theories: Causes and Cures*. *The Journal of Political Philosophy*, v. 17, n. 2, p. 202-227, 2009. Disponível em: <http://www.ask-force.org/web/Discourse/Sunstein-Conspiracy-Theories-2009.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2024.

THE GUARDIAN. *A useful punching bag: why Hungary's Viktor Orbán has turned on George Soros*. Budapest, 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/jun/22/hungary-viktor-orban-george-soros>. Acesso em: 4 dez. 2024.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. *An Antisemitic Conspiracy: The Protocols of the Elders of Zion*. Washington, DC: United States Holocaust Memorial Museum, 2024. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/protocols-of-the-elders-of-zion>. Acesso em: 3 dez. 2024.

VATICAN NEWS. *Hungria, de sua fundação aos dias atuais*. Vatican News, 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2023-04/hungria-historia.html>. Acesso em: 4 dez. 2024.

WALL, Derek. Social Credit: The Ecosocialism of Fools. *Capitalism Nature Socialism*, v. 14, n. 3, p. 99-122, 2003.

WODAK, Ruth. *Right-Wing Populism and Antisemitism*. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ruth-Wodak/publication/305709485_Rightwing_Populism_and_Antisemitism/links/579b265c08ae024e101041a9/Rightwing-Populism-and-Antisemitism.pdf?origin=publication_detail&tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uRG93bmxvYWQlLCJwcmVnaW91c1BhZ2UiOiJwdWJsaWNhdGlvbiJ9fQ. Acesso em: 3 dez. 2024.

WODAK, Ruth. *The Politics of Fear: The Shameless Normalization of Far-right Populist Discourses*. London: Sage, 2020. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=BA7xCQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=the+politics+of+fear+Ruth+wodak&ots=KJmBF5YVM&sig=8sVoBg7DCK266v4eD47XaMYGGRA&redir_esc=y#v=onepage&q=the%20politics%20of%20fear%20Ruth%20wodak&f=false. Acesso em: 3 dez. 2024.

YOUVAN, Douglas C. *From Khazars to 'Family Values': The Evolution of Conspiracy Theories Merging Antisemitism and Anti-Communism*. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Douglas-Youvan/publication/383022208_From_Khazars_to_'Family_Values%'_The_Evolution_of_Conspiracy_Theories_Merging_Antisemitism_and_Anti-Communism/links/66b7c697299c327096be2a4f/From-Khazars-to-Family-Values-The-Evolution-of-Conspiracy-Theories-Merging-Antisemitism-and-Anti-Communism.pdf. Acesso em: 3 dez. 2024.

WILLIAM SAFIRE. *Safire's Political Dictionary*. New York, NY: Oxford University Press, 2008. p. 190.